

2ª edição aumentada

Renato Suttana



Indigestos e Purgativos

Renato Suttana

Indigestos
e
Purgativos

(Segunda edição aumentada)

2017

Ficha técnica

Título: Indigestos e Purgativos

Autor: Renato Suttana

Todos os direitos reservados ao autor

1ª edição: dezembro de 2016

2ª edição aumentada: abril de 2017

Editora: ARS

Local: Dourados-MS

E-mail para contato: arquivosuttana@yahoo.com.br

Capa: J. C. Franco – montagem sobre pintura de Hieronymus Bosch (1450-1515)

Ilustrações: fotos extraídas da internet

Este livro é distribuído gratuitamente em formato pdf no site do autor.

Reproduções e citações são permitidas somente com a menção da fonte.

Endereço eletrônico da presente publicação:

http://www.arquivors.com.br/renato_indigestos.pdf



*“Com jantar, Temer busca votos de deputados para teto de gastos”
(Veja.com)*

*“Com selfies, telões, risoto e ‘baixo clero’, jantar de Temer anima
deputados”
(Jovem Pan)*

*“Temer oferecerá jantar a senadores para pedir apoio à PEC do teto”
(G1)*

*“Temer recebe senadores para jantar em busca de apoio à PEC dos
Gastos Públicos”
(EBC Agência Brasil)*

*“Por PEC 241, jantar de Temer custou ao menos R\$ 50 mil”
(Exame.com)*

*“Em jantar, Temer pressiona a favor do teto de gastos”
(Folha de S. Paulo)*

*“Em meio à crise, Temer almoça com cúpula do PSDB”
(Exame.com)*

*“Eu uso o [Palácio da] Alvorada.” (Michel Temer, em entrevista
ao programa Roda Viva)*

Sumário

NOTA INTRODUTÓRIA DA VERSÃO FINAL.....	9
NOTA INTRODUTÓRIA DA 2ª EDIÇÃO.....	13
NOTA INTRODUTÓRIA DA 1ª EDIÇÃO.....	17
I.....	23
II.....	24
III.....	25
IV.....	26
V.....	27
VI.....	28
VII.....	29
VIII.....	30
IX.....	31
X.....	32
XI.....	33
XII.....	34
XIII.....	35
XIV.....	36
XV.....	37
XVI.....	38
XVII.....	39
XVIII.....	40
XIX.....	41

XX.....	42
XXI.....	43
XXII.....	44
XXIII.....	45
XXIV.....	46
XXV.....	47
XXVI.....	48
XXVII.....	49
XXVIII.....	50
XXIX.....	51
XXX.....	52
XXXI.....	53
XXXII.....	54
XXXIII.....	55
XXXIV.....	56
XXXV.....	57
XXXVI.....	58
XXXVII.....	59
XXXVIII.....	60
XXXIX.....	61
XL.....	62
XLI.....	63
XLII.....	64
XLIII.....	65
XLIV.....	66
XLV.....	67

XLVI.....	68
XLVII.....	69
XLVIII.....	70
XLIX.....	71
L.....	72
LI.....	73
LII.....	74
LIII.....	75
LIV.....	76
LV.....	77
LVI.....	78
LVII.....	79
LVIII.....	80
LIX.....	81
LX.....	82
LXI.....	83
LXII.....	84
LXIII.....	85
LXIV.....	86
LXV.....	87
LXVI.....	88
LXVII.....	89
LXVIII.....	90
LXIX.....	91
LXX.....	92
LXXI.....	93

LXXII.....	94
LXXIII.....	95
LXXIV.....	96
LXXV.....	97
LXXVI.....	98
LXXVII.....	99
LXXVIII.....	100
LXXIX.....	101
LXXX.....	102
LXXXI.....	103
LXXXII.....	104
LXXXIII.....	105
LXXXIV.....	106
LXXXV.....	107
LXXXVI.....	108
LXXXVII.....	109
LXXXVIII.....	110
LXXXIX.....	111
XC.....	112

NOTA INTRODUTÓRIA DA VERSÃO FINAL

Não estranhe nem se impaciente, leitor amigo. Depois que a gravação de uma conversa telefônica do presidente usurpador com o empresário Joesley Batista foi entregue por este à Justiça, caindo como uma bomba e reduzindo a pedaços o já precário governo do golpe, não resta ao poeta — que do golpe caçou e ainda não parou de caçar, mesmo reconhecendo a sua face mais trágica —, senão se apressar, para não perder o bonde da história.

Mas não foi só isso que me pôs de novo a caminho. Há alguns dias, o jornal *Folha de S. Paulo* e outros informativos publicaram a notícia de que um jantar a ser oferecido pelo presidente no Palácio da Alvorada (“Eu uso o Alvorada!”) tinha sido cancelado. Faltou confirmação de comparecimento por parte dos convidados — políticos e lideranças partidárias com os quais o dito presidente ainda gostaria de ter uma conversa, talvez num último e estertorante esforço de sobrevivência. Tal fato, evidentemente, só poderia marcar o fim de um governo que se arrastou por mais de um ano, indo de desastre em desastre, e que respira agora, como se diz num clichê da imprensa, “por aparelhos”. E assinalou também, para o autor, o término da série de poemas com que veio retratando a “suruba” (termo picante que

aplicou à situação o senador Romero Jucá) ao longo dos últimos meses — poemas cujo assunto é exatamente a glotonaria que, do símbolo à realidade, marcou a ascensão e queda do golpe de 2016.

Se o presidente ainda não caiu? Por certo que não caiu; mas, como aqueles edifícios cujas fundações ficaram comprometidas por algum desastre — bomba, terremoto, deslizamento de terra —, não há quem hoje dê garantias de que resistirá por mais um ou dois meses, quem sabe até não resista por uma ou duas semanas (sem desconsiderarmos, claro, a possibilidade de resistir por mais um ano ou por décadas, a depender do — mau — humor da história, useira e vezeira de pregar peças em seus observadores).

Assim, para fechar esta série de sonetos — que espero não retomar senão para fazer retoques ou melhorias no texto —, dou a público, final e apressadamente, o que considero ser a sua versão completa e definitiva, a que nada mais acrescentarei. Essa versão, já anunciada em nota introdutória do que denominei de segunda edição do livro, publicada há um mês, recebe agora o acréscimo de mais seis sonetos, com os quais — quero crer — se dá por finda a trajetória dos sonetos de repleção e indigestão, começada em novembro do ano passado.

Que o leitor faça bom proveito e não diga que estou a chutar cachorro morto, conforme uma outra expressão, de caráter mais popular. A vida é muito longa, e a arte é muito breve, para

perdermos tempo com essas ninharias.

RS, maio de 2017.

NOTA INTRODUTÓRIA DA 2ª EDIÇÃO

Não é normal que um livro lançado, precariamente, em primeira edição no mês de dezembro conte já com uma segunda edição no mês de abril do ano seguinte. Acontece, porém, que muitas coisas deixaram de ser normais no Brasil de hoje em dia, e não será uma pobre coletânea de poesias — que não faz mal a ninguém e que não tinha sequer intenção de existir antes que seu autor juntasse os poemas que a formam e visse que davam, realmente, para fazer um livro, mesmo que magro — que há de causar estranhamento. E acontece, ainda, que o autor é insone, e a insônia, além de não lhe permitir descansar, o obriga a repassar mentalmente, em suas noites, o noticiário do dia — e o noticiário é propício às mais variadas formas do enjoo, do tédio e do espanto.

Este livro contou, na referida primeira edição, com 60 sonetos bem alinhados, voluntariosos e dispostos a fustigar, com o relho do riso e da zombaria, os ávidos costumes que grassam hoje na vida política brasileira, abalada profundamente pelo golpe de estado de 2016. Tal edição, que só existiu, praticamente, em formato digital, redundou — apesar da precariedade que costuma acompanhar, no Brasil, a produção de livros digitais — na impressão de uma pequena tiragem de 100 exemplares pa-

gos pelo autor e distribuídos irregularmente por aí, tiragem a que, a julgar pelo ritmo em que tudo caminha nos nossos dias, talvez não se venha a somar uma segunda impressão.

Já a presente edição, denominada — por razões que me parecem justas — de “segunda”, conta com o acréscimo de 24 sonetos, escritos posteriormente ao lançamento da edição impressa, o que, a meu ver, justifica a ideia de que o livrinho tem, de fato, uma nova edição (e não apenas uma segunda versão, como aconteceu com o primeiro esboço, formado originalmente por 50 poemas que depois foram aumentados para 60, no que veio a ser a primeira edição).

Por certo, as esperanças que o autor tinha de que algum tipo de normalidade se instaurasse, a curto prazo, na vida política, econômica e jurídica do Brasil nos meses que se seguiram ao fatídico agosto de 2016 são cada vez mais ralas. Pelo visto, as coisas caminham de mal a pior, e é bem provável que a situação em 2017 se torne mais caótica, mais deprimente e mais sobresaltada do que já foi em 2016, sendo que de 2018 não se pode falar, pois ninguém sabe o que virá.

Esta é, pois — somada às incertezas quanto ao futuro do governo golpista e dos brasileiros que aos seus arbítrios estão sujeitos —, e não só o fato de ter engordado o livro em 24 pontos (se cada soneto pesasse uma arroba, a obra poderia ser vendida num açougue e permitiria alimentar, tranquilamente, um exército), a principal razão para se apressar o lançamento de

uma segunda edição, com a mesma capa, cara, diagramação e abusos de linguagem da primeira.

RS, abril de 2017.

NOTA INTRODUTÓRIA DA 1ª EDIÇÃO

O golpe está dado. Em meus cinquenta anos de vida, nunca tinha visto um governo que nada realiza, nada propõe, não apresenta políticas de melhoria da vida do povo, das relações entre os cidadãos e da economia em geral, a não ser negativamente, isto é, suprimindo direitos, demolindo conquistas de governos anteriores e prometendo, diariamente, na forma de “pacotes” e mudanças espúrias na legislação, políticas ainda mais destrutivas de deterioração do convívio social.

Até mesmo as propostas de grupos que apoiaram o golpe de 2016 ou que trabalharam para torná-lo possível — como os representados por certos segmentos do Judiciário — são também negativas. O projeto das chamadas “10 medidas contra a corrupção”, alardeado como salvação da lavoura política e encaminhado, com pompa e circunstância, pelo Ministério Público Federal ao Congresso em dias recentes, não prevê outra coisa que a supressão de direitos e garantias, com alterações profundas na legislação que levam ao enfraquecimento da defesa dos réus perante os órgãos da acusação e, de certo modo, garantem o sequestro do processo judicial pelos procuradores. Quanto a isso, um especialista chegou a dizer que, neste caso, tratam a população e a todos os que se veem envolvidos no debate sobre

controle da corrupção da administração pública nos dias de hoje como se tivessem o monopólio da razão, e tal sábio não estará longe da verdade. Não há maior destrutividade e negatividade do que sequestrar a justiça em tempos de desnordeio e desordem política.

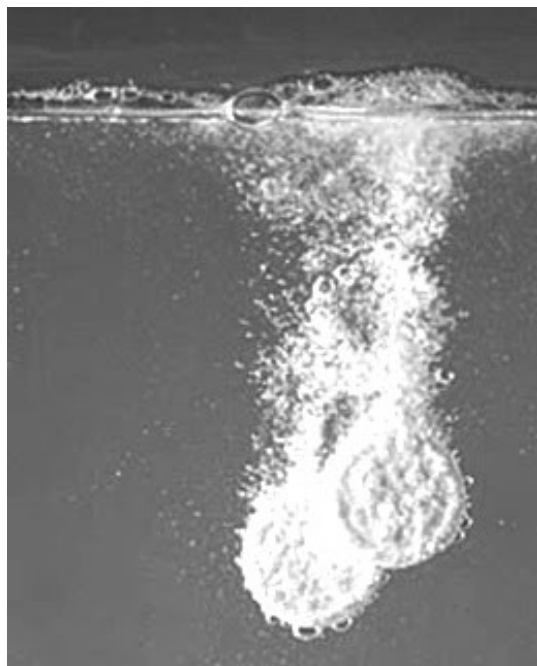
Este livro — composto de 60 sonetos rimados, de recorte clássico, escritos recentemente ao calor dos acontecimentos que levaram à queda de dois ministros de Estado do governo ilegítimo (com a perspectiva de que outros venham a cair) — é inspirado na ideia de que, para obter apoio às suas medidas impopulares, o governo adotou a prática de oferecer jantares aos deputados e senadores em véspera de votações. É o que o presidente — que, pelo visto, conta prender os parlamentares pelo estômago, como se diz na linguagem das intrigas amorosas — chamou, numa entrevista recente a um programa de televisão, de “usar o palácio da Alvorada”, ou seja, usá-lo como um restaurante de luxo onde a sorte dos brasileiros é servida à mesa para uma malta de insaciáveis glutões.

Evidentemente, como se vê, a ideia do jantar oferece a metáfora pronta, mais do que adequada, para uma circunstância de instabilidade política, econômica e social que não tem precedentes e não se compara a nenhuma outra vivida pelo País nos últimos 30 anos, desde a restauração democrática de 1985. Aqui, determinado grupo de indivíduos, bem posicionados na pirâmide econômica da Nação, resolveu se juntar, aliando-se aos ór-

gãos da justiça e da imprensa, com o fim de derrubar um governo legitimamente eleito pelo povo e se apoderar do poder, “jantando”, por assim dizer, as riquezas e os direitos do povo brasileiro.

Numa época em que a poesia quase nada pode fazer para sensibilizar as pessoas perante as tragédias sociais, tive ao menos a intenção de rir um pouco, de caçar deles, mesmo que melancolicamente, com o fim de desopilar o fígado e dar algum sentido à desordem. Se o livro também puder chamar a atenção de alguém ou despertar a consciência de uns poucos para o que se passa no Brasil e para o que se anuncia como um desastre no horizonte do futuro próximo, já terá atingido e até ultrapassado o seu objetivo.

RS, dezembro de 2016.



I

Meu uso do Alvorada é culinário,
conforme se constata: uma cantina
capaz de inundar todo o noticiário
com a sopa que ali *ferve*, grossa e *fina*.

E, dada a profusão do receituário
diante do qual a imprensa se alucina,
posso afirmar que tal poção, supina,
faz mais efeito lá do que no armário.

Assim é que, sem medo de acidentes,
da cozinha abrirei a porta imensa,
e a farei um santuário para os crentes. —

Eis a minha arte: cozinhar na banha
todo o langanho que haja na despensa,
para suprir essa avidez tamanha!

II

“Presidente da CNI fala em mudar lei trabalhista e cita jornada de 80 horas”
(Notícia do G1)

Eu nunca tinha visto glutonia
e uma ânsia assim tão árdua, tão renhida,
de devorar o alheio à luz do dia —
e olha que já vi coisa nesta vida!

A um desses eu apenas lhe diria:
“Vai! Come desta parte! É a mais fornida!” —
que a pança, com vazão tão desmedida,
mesmo cheia há de estar como vazia!

Valha-te o deus da santa comilança,
e que não falte nunca à tua mesa
o consolo gentil da sobremesa

(que pode vir na forma da isenção
do imposto, ou do subsídio sem balança,
ou de um melzinho na licitação)!

III

Parafrazeando aqui o papa Francisco¹:
Senhor, dai-me uma boa digestão,
mas também um bom garfo, um bom petisco
e um bom jantar, com gente de eleição!

Dai-me, Senhor, o arroz de forma, e o pão,
e o feijão sem bolor e sem pedrisco,
e o celestial carneiro, que por mão
de um compadre nos chega lá do aprisco.

Alma não, meu bom Deus, pois não se come
(e nesta parte se equivoca o papa),
mas tudo o mais que acalme ou mate a fome:

e — claro —, para não cair no tédio,
um vinho desses que não estão no mapa,
isto sim um gentil, santo remédio!

1 Na verdade, a oração mencionada pelo papa é atribuída a São Tomás Moro.

IV

“Apesar da grave crise fiscal, da recessão, da campanha da mídia para o governo cortar gastos, o volume de recursos publicitários pagos nos últimos meses já é quase 50% maior que o registrado em 2015.”
(O Cafezinho)

Este é o Porco — o gorducho, o bem cevado,
o que se locupleta fartamente,
o que não tem escrúpulo guardado,
e só quer o que engorda prontamente;

o que não tem partido, mas tem lado,
que é o lado da gordura fluorescente,
que é o lado de quem traz água, semente,
milho, abóbora, inhame ao seu cercado;

que é o lado de quem nunca teve exceto
um lado de avidez — lado de dentro,
lado de quem o enxerga desde o centro;

lado de quem ajeita o seu coreto
e sabe que ele, em caso de rancor,
pode até devorar seu tratador.

V

“Internautas fazem ‘vomitato’ em página de Temer no Facebook”
(Notícia de *A Tarde*)

Agora que não fazem mais pesquisas
de popularidade e aprovação;
agora que estão sóbrias e concisas
as vozes mais veementes da opinião;

agora que despiram as camisas
da impoluta, auriverde agremiação
e não levam às ruas as divisas
do glorioso Combate à Corrupção,

deram de ir vomitar, grosseiramente,
como se fosse o Face uma privada,
onde vão despejar seu jorro quente.

Mas isso é que os desvia do caminho,
até porque da sopa que eu cozinho
ainda provaram pouco, quase nada!

VI

“Palácio do Planalto em guerra contra emojis do Facebook”
(Notícia de *O Globo*)

Contra os tais *emojis* declaro guerra,
que hoje estou para briga e para tretas.
Não me venham portanto com caretas,
com historinhas de “baixei à terra”!

Quem tem mais trunfos é o que menos berra,
e estão comigo os anjos e os capetas:
vou na medula, vou nas tarraquetas,
e quero ver, então, quem não se aterra!

Protestos no Facebook? Pois repudio-os,
e repudiá-los-ei até o final,
com a higiênica força dos meus brios.

Como o fazem os duros e os indômitos,
ordem darei ao Zuckerberg, formal,
de que limpe da página esses *vômitos*!

VII

“‘Vomitaço’ contra Temer toma conta da página do G20 no Facebook”
(Notícia do *Portal Fórum*)

Por algum tempo fui decorativo,
até o ponto de andar choramingando
pelos cantos e em carta derramando
o meu protesto falso e putativo,

Hoje, que ando operante e mais ativo
e uma vez por semana vou jurando
na tevê meu intuito e declarando
minha intenção, me querem *vomitivo*.

Ora, vejam. Mas hei de convocar
o diabo mais prudente da rodada
para tal confusão organizar. —

O Datafolha, o Ibope, a carochinha...
Que os comam com salada ou com farinha
e os descarreguem numa encruzilhada!

VIII

*“Fora do governo, Calero acusa Geddel de pressioná-lo para liberar obra”
(Notícia da Folha de S. Paulo)*

O voraz respingou-me suinamente
do alto desse espigão, de onde o cuspiram
depois que o porco assunto descobriram
da construtora, de que ele era cliente.

Eu, que ainda sou — suponho — o presidente,
diante da amolação que me pediram,
fiz vista grossa (pois que não mediram
o tamanho da náusea, claramente).

Uns respingos a mais, se não estragam
a um ponto sem retorno a roupa fina,
com escova e sabão logo se apagam.

Difícil mesmo é quando, desastrados,
com o jorro que emporcalha a gabardina
somos também, no embalo, vomitados.

IX

“Aproveite que o senhor ainda não tem altos índices de popularidade e faça as medidas amargas que são necessárias.”

(Nizan Guanaes, ao presidente Temer)

Já vi maluco achar cabelo em ovo;
mas sugerir medidas mais amargas,
de dar passadas cada vez mais largas,
como maneira de agradar o povo,

é coisa de jejuo ou de acrobata
que, pelo visto, não entende nada
de popularidade encalacrada
e dá conselhos de nefelibata.

Quem os seguisse afundaria inteiro,
desde a sola dos pés até a moleira,
numa espécie viscosa de atoleiro.

Tal empurrão dispenso, pois sou rico
e não ando, afinal, tão na rabeira
para abraçar ideias de jerico.

X

“Em 1993, foi citado no escândalo dos Anões do Orçamento, em que parlamentares foram acusados de manipular emendas com a participação de empreiteiras no desvio de verbas.”

(Publicado no G1)

Que o glutão tenha sido, em era prisca,
um dos tais anõezinhos do orçamento
é luz que no meu cérebro não pisca,
nem me traz um fulgor ao pensamento.

No entanto às vezes paro, num momento,
e sinto que uma sombra em mim se arrisca:
uma certa inquietude, vaga e arisca,
progredindo em interno movimento.

Devo, então, a conselho dos amigos
(*Globo, Folha, Estadão* e, em breve, a *Veja*),
vomité-lo num balde ou na bandeja?

Porém, se o expilo, enfrento outros perigos
tais como o de que, além de respingado,
seja eu também, em parte, vomitado.

XI

“O esforço para derrubar Temer, neste momento, é trabalhar contra o Brasil.”
(Eliane Cantanhêde)

Se, em vez de vomitórios, aceitarmos
o conselho da aflita Cantanhêde
e o máximo possível suportarmos,
conforme a sorte manda e a ocasião pede,

quem sabe o bolo todo se digira
e, à maneira de um tronco ou um destroço
que na caudal da enchente boia e gira,
desça afinal para o intestino grosso,

aliviando esse peso que por ora,
sem o auxílio do emético, eficiente,
entre o esôfago e as tripas se demora.

Quem sabe suportando um pouco mais
se faça a digestão naturalmente,
como se espera em situações normais.

XII

“Machado implica o presidente Temer em delação premiada”
(Notícia do *Misto Brasília*)

Há coelhos, há carneiros, há machados,
há limas e laranjas de montão,
lá na despensa, cuja escuridão
os mantinha bem frescos e guardados.

Agora, uma horda atroz de alucinados,
formando uma bulhenta multidão,
mete em tudo o bedelho e a suja mão;
e ainda são pela imprensa ovacionados.

(Ela mesma uma velha comilona,
não menos pantagruélica e visada
pela Receita, que não a ovaciona.)

Bem podia o bom Deus, providencial,
mandar chuvas de Engov ou Sonrisal,
para acalmar essa ânsia desvairada.

XIII

“Geddel chora ao comentar polêmica e diz que assunto está encerrado”
(Notícia da *Folha de S. Paulo*)

Vem o bebê chorando novamente
como daquela vez (quando anãozinho),
com o mesmo ar assustado e comovente
de quem viu cobra ou onça no caminho.

Eu cá suspeito bem que o pobrezinho
chorou foi de ansiedade — decorrente
do embrulho que se torce, em torvelinho,
roncando dentro dele, espesso e ardente.

Dá impressão até de que engoliu
todo o maldito prédio e se entupiu
com o volume da coisa, impressionante!

Ai, bravo! Sal de fruta não te solve!
Só mesmo ácido forte ou impactante
lavagem das entranhas te resolve!

XIV

“Aécio vai ser o primeiro a ser comido...”
(Sérgio Machado)

A estranha culinária do Planalto
iguarias contém muito indigestas,
tais como dar almoços ou dar festas,
no intuito de aguentar mais um assalto.

E há umas carnes aqui que não digiro
e que, se fosse o caso, expeliria
pelos nove buracos — fantasia
com que às vezes me iludo e até deliro.

Aquele, por exemplo, que alguém disse
que seria comido na primeira,
a depender da fome ou gulodice...

Pois desde agora advirto: é uma pedreira!
Causa no estômago uma tempestade,
e a digestão leva uma eternidade!

XV

*“Moro grampeou Lula, Dilma e monitorou até STF”
(Notícia do Brasil 24/7)*

E aquele doido lá, de Curitiba,
que não sei a que veio e que aparece
todo dia na imprensa, e não se esquece
de apregoar aos glutões sua muxiba?

E o promotor de nome tão estranho
(de antigases, parece, ou purgativo),
a quem não confiaria o meu ativo,
qualquer que fosse o caso ou o tamanho?

São esses os remédios que o Brasil
anda ingerindo desbragadamente,
sem respeitar estômago e intestino.

Mas não vou eu curar esse redil:
que a mim me basta ser só presidente,
mesmo que congelado em interino.

XVI

“Cargo, aliás, é algo de que ele gosta tanto que, em 2002, o ex-presidente Itamar Franco o chamava de ‘percevejo de gabinete’.”

(Fernando Brito)

Percevejo. Gostei desse apelido,
mas acrescentaria: empanzinado,
pouco importando o pranto derramado
(que não sai pelos olhos o engolido).

Que chupou (morcevejo), desbragado,
qualquer sangue — sem causa e sem partido —,
e agora foi, com jeito de entupido,
pelo ônibus da história atropelado.

Que conselho darei a esse glutão?
Vai, Cantanhêde! Ajuda-o, põe-lhe juízo!
Dize que é pela Pátria! Que é preciso!

Que já não dá para deglutir tudo,
por mais que seja o estômago bojudado
e por mais que vistosa a denticção.

XVII

“O que foi aquela marcha a pé até Brasília? Ridículo. Saíam da marcha, comiam bem, dormiam em hotéis e voltavam para a estrada para fazer fotos.”
(Daniela Schwery, ativista)

Fingindo que marchavam a Brasília,
aqueles molecotes, entupidos
de ideologia besta e bem servidos,
como num piquenique de família,

pelas gordas raposas dos partidos,
lá foram, como quem segue uma trilha,
tirar foto com o Noivo da quadrilha:
contra isto, claro, nada endurecidos.

Tal é, pois, o heroísmo dos glutões,
que enquanto se empanturram, fazem fotos
cheias de gestos, *slogans* e jargões.

Quem os vê pensa: “Causam terremotos!” —
esses leitões magrinhos, que festejam
comendo o próprio esterco que despejam.

XVIII

“Cheque de 1 milhão de reais para Michel Temer joga holofotes em ação do TSE”

(Notícia do *El País*)

Aquele gordo cheque de *hum milhão*
com que a Andrade Gutierrez me serviu
e que a Dilma exumou e difundiu,
caiu-me como uma lauta refeição;

até porque, conforme a lei geral,
vice nem faz campanha, bem se vê,
de modo que o valor que ali se lê
foi alimentar sapos no brejal.

(Dom Gilmar, esse velho cururu,
por exemplo, a teoria elaborou
de que eu não me espojara nesse angu.

Bravo!) Porém o alarde é que me foi
um tantinho indigesto, mas passou;
e a vida segue em frente, como sói!

XIX

*“Kim Kataquiri estreia coluna semanal no site da Folha”
(Notícia da Folha de S. Paulo)*

Esse menino — digo-o sem tormento —
é um capadinho magro, dos ruinzinhos,
cuja carne não paga o investimento
e que só dá problema com os vizinhos.

A Folha o contratou como alimento
(ou arapuca) para passarinhos,
ou talvez por engasgo e ofuscamento
dos processos mentais e convizinhos.

Tais são os sacrifícios que, hoje em dia,
andam fazendo, entre a diarreia e a azia,
à espera de que o erário os amamente.

E eu, que não sou simplório nem beócio,
só posso agradecer, sinceramente,
e orar pelo futuro do negócio.

XX

“Geddel acusado de interferir no espigão sai, Serra acusado de receber R\$ 23 milhões fica?”

(Roberto Requião)

O chanceler! Que bucho! — Bem podiam
ter me servido coisa mais urbana,
quem sabe um mingau simples, mas bacana,
conforme antigamente aqui faziam.

Mas não: parece até que me assediam
e, movendo essa incrível traquitana,
me trazem lá, com jeito safardana,
coisas que até os infernos repudiam!

A continuar assim, juro por Deus:
ponho de lado a classe e os camafeus,
e vou à forra, pelos meus setenta!

Saio eu mesmo a ejetar lá no Facebook
de quem me vomitou — manjado truque! —
o que me sobe à goela e ali fermenta!

XXI

“Para enfrentar a crise, Temer aumenta gastos com publicidade”
(Notícia da *Folha de S. Paulo*)

A fim de incentivar a enorme fome
do momento e o otimismo dos globais,
proponho um sal de fruta cujo nome
seria “Fora Temer”, e não mais.

Além de contribuir com os cegonhais
da imprensa, cujo ardor não há quem dome,
coibiria erupções estomacais,
facilitando a vida de quem come.

Seria o meu subsídio à economia,
que de resto vai mal ou, como querem,
passa por uma *crise de confiança*.

E um futuro à Leitão garantiria
(nome adiposo), que anda enchendo a pança —
ex-Urubóloga, se assim preferem.

XXII

“Nunca cuidei dos pobres, não sou são Francisco de Assis. Até porque a primeira vez que tentei carregar um pobre pra dentro do meu carro eu vomitei por causa do cheiro.”

(Rafael Greca)

Se eu afinal cuspiisse o que me vem
à cabeça e às entranhas quando leio
notícias tais, de que já não descreio,
não ficaria ao meu redor ninguém.

Não foi do pobre, todos sabem bem,
mas de si mesmo — do íntimo recheio —
que o bravo vomitou, pançudo e cheio:
e o fez no colo fraternal de alguém!

Não cabe reflexão: cabe Epocler,
cabe uma boa dieta de bom senso
que até uma criança pode prescrever!

Cabe abrir mais espaço no bestunto
e ejetar numa cloaca esse conjunto,
que não se limpa com um trapinho, um lenço!

XXIII

“Eduardo Cunha é preso em Brasília por decisão de Sérgio Moro”
(Notícia do G1)

O crente, coitadinho, não vingou:
lutou contra a corrente e foi a pique,
perdendo a pose, a fleuma e incluso o chique
(e do implante não sei o que restou).

Sabia manobrar o Titanic
e um serviço precioso me prestou,
com os duzentos ou mais que encabrestou,
sem que ninguém pusesse nisto um dique.

De que um dia ele volta estou bem certo,
que a memória do povo é esburacada;
mas por enquanto é um pobre no deserto.

(Tem uma bomba atômica guardada
naquele estômago de sucuri,
da qual, por suspeição, nunca me ri.)

XXIV

“PF lista de A a Z as propinas da Odebrecht”
(Notícia do *Estadão*)

Odebrecht! — esse nome que me assusta
e me causa um distúrbio aqui no ventre,
fazendo até com que eu me desconcentre
e esqueça o *script* e o quanto a vida custa.

Purgá-lo? Só com um tônico seguro,
desses que se fabricam em farmácia
tradicional — onde a alma e a pertinácia
não se iludem com os lemas do futuro.

Dar-lhe um remédio forte, bem cunhado,
que não cabe naquele putalhão
PowerPoint do mocinho, empavonado.

Isto, sim, punha um ponto na questão
e estancava de vez essa sangria,
conforme o recifense lá dizia.

XXV

*“Gravações revelam ajuda financeira de partidos ao MBL”
(Notícia do Terra.com)*

Ou acham que estes nossos leitõezinhos
vivem de brisa, vivem de pastar
a grama das campinas, de apanhar
araticuns à margem dos caminhos?

Não! Vivem de pedir, de arrecadar,
de encher com a bufunfa os seus cofrinhos,
de chafurdar no cocho dos padrinhos,
de ir lá buscar seu doce, seu manjar!

E, como esses padrinhos (lei superna)
não mamam de outra teta que a estatal,
de que fizeram sua causa eterna,

conclui-se que, apesar do nhenhênhém
contra o imposto, é do imposto que também
querem viver, como qualquer mortal!

XXVI

“Rodrigo Maia diz que ação da PM foi reação a manifestantes na Esplanada”
(Notícia do *Estadão*)

O áureo rechonchudinho — essa teteia
(cujo pai já não sei se vai ou vem) —
até que tem se saído muito bem
no comando valente da alcateia.

Também pudera: ele pertence ao DEM,
que sempre me deu quadros e plateia
e hoje inferniza a educação da aldeia
com uma truculência que convém.

Esse eu vomitaria num banheiro
daqueles bem limpinhos, de mansão
ou de *shopping*, pois sempre foi parceiro.

Já pelo pai não levo ao fogo a mão
e no destino dele não me fio,
que as bruxas andam soltas lá no Rio.

XXVII

“A rede social, no entanto, afirmou que ainda não tem um sistema pronto para isso. Por enquanto, só é possível bloquear texto com algumas palavras-chave especificadas pelo administrador da página.”

(Lauro Jardim)

O Zuckerberg mandou dizer, sucinto,
que o Facebook, bem capaz de outras façanhas,
não tem como deter essas estranhas
formas que lembram vago platelminto —

coisa de que me enfado e me ressinto,
mas não me gera embrulho nas entranhas,
acostumadas a mover montanhas
(e esta nem é tão alta — intuo e pinto).

Vá saber por que o jovem mandachuva
deu assim de tratar, com tal desdém,
o meu pedido tímido, de viúva;

ou se ante esse enjoativo manifesto
não sentiu um engulho — ele também —
e foi despejar lá o seu protesto.

XXVIII

“Moro veta advogado de Eduardo Cunha perguntar a Cerveró sobre Temer”
(Notícia do *Estadão*)

Sempre o doido a servir-me de escudeiro,
a garantir-me a janta ou mais um dia
de vestir a galante fantasia
que envergarei por mais um ano inteiro.

Mais um gentil acerto em meu roteiro,
prevenindo que eu entre numa fria,
que me tirem esta ávida ambrosia
da qual sou o gourmet e o confeitoiro.

Agradeço-te, estrênuo paladim;
e desde já prometo-te, vindouro,
um quinhão do suavíssimo pudim;

que em assuntos de dar não sou calouro,
e menos ainda ingrato e em retribuir
displicente, pois durmo sem dormir.

XXIX

“... que nesta reunião o presidente disse ao depoente que a decisão do Iphan havia criado ‘dificuldades operacionais’ em seu gabinete, posto que o ministro Geddel encontrava-se bastante irritado...”

(Trecho de depoimento divulgado pela Polícia Federal)

Vomitar o glutão seria um parto,
tal como vomitar uma leitoa
que a gente engoliu toda, numa boa,
desde a cabeça ao derradeiro quarto.

O que fazer com esse embrulho farto
que no estômago ferve e se amontoa?
Onde lançar o fardo, que atordoa,
levando quase à véspera do infarto?

Vou te contar... A vida não é mole,
e com os excessos, por obrigação,
quanta coisa insalubre a gente engole!

Isso, entanto, me força a decidir:
se na próxima janta que eu servir
só os verdes e as saladas entrarão!

XXX

“Delegados da Lava Jato exaltam Aécio e atacam PT na rede”
(Notícia do *Estadão*)

Cara de quem comeu e não gostou
tem o procurador que, percuciente,
vai falar na tevê regularmente,
a qual parece até que o contratou.

Esplênico, cinzento e desbotado,
diz coisas que os ouvintes (cujo tino
foi parar com a comida no intestino)
supõem ser as linhas de um bordado.

E aos jornais esse grande comilão
cederá fotos de estatura inteira,
que o estamparão em página primeira.

Eu, se o visse servido numa mesa,
só o comeria, claro, tendo à mão
um bom efervescente, com certeza!

XXXI

“Em domingo de votação, Dilma é vista andando de bicicleta em Brasília”
(Notícia do *Correio Braziliense*)

Tinha a Dilma um abúlico defeito:
de dieta sempre, quase não comia.
Só queria saber de economia,
não gostava de bolo, de confeito.

Com aborrecidíssimo respeito,
montava a bicicleta noite e dia:
dava conselhos de madrinha e tia
para quem quer manter um talhe estreito.

Disse-lhe eu: “Pois, madame, a minha ponte
é que há de nos levar até o futuro!”
E ela apenas sorriu, franzindo a fronte.

E então foi que comi gordo banquete,
naquele abril já podre de maduro,
com os meus trezentos e sessenta e sete!

XXXII

“O relator recuou, cedeu à pressão de procuradores da Lava Jato, de associações de magistrados e da Polícia Federal. Eles conseguiram evitar que fosse incluído no projeto o crime de responsabilidade para juízes e procuradores.”

(Publicado no G1)

Também eu, se pudesse preferir,
pediria a solar impunidade
e os não-me-toques de uma sumidade,
que tantos já praticam sem pedir.

Não me preocuparia em dividir
essas coisas de lei e de igualdade,
que são prejuízos da modernidade
e o Brasil cedo ou tarde há de abolir.

Faria como aqueles que, outro dia,
balofos e estufados, invadiram
uma sessão da Câmara e a entupiram.

Perfeito! Mas faltou ao presidente
convocar de imediato o efervescente
que aquela situação desobstruiria.

XXXIII

“Como o factóide sobre o sumiço da faixa presidencial foi armado por gente de Temer”

(Kiko Nogueira)

Sinceramente, achei que essa tal faixa
tinha sido engolida por alguém
do meu *staff*, um qualquer que come bem,
mas depois a encontraram numa caixa.

A mim me diz bem pouco — essa bolacha
que sequer mastiguei como convém:
que tratei com uma espécie de desdém,
como um quiquiriqui que me rebaixa.

Cara mesmo é a caneta com que assino
as papeladas todas que fornecem
combustível às forjas do destino:

esta, sim, de valor e não fuleira,
capaz de deitar lenha na fogueira
junto à qual os mais ávidos se aquecem!

XXXIV

“Senadores da oposição chamaram este item que permite a inclusão de parentes de políticos de ‘emenda Cláudia Cruz’, uma referência à esposa do deputado cassado Eduardo Cunha [...], apontada como sendo detentora de contas no exterior abastecidas por dinheiro de origem ilícita.”

(Notícia de *O Globo*)

Vão repatriar a grana da riquinha,
que, além dos belos olhos, tem cacife,
apesar de o marido ainda agorinha
ter dado com os costados num recife.

Isso é coisa que só fada madrinha
faz pela gente — esse amoroso bife
cujo montante não há quem tarife,
mas cuja origem logo se adivinha!

E, apesar do volume devorado,
não engordou um grama a tal senhora,
talvez por tê-lo em parte desapeado

não só nas lojas chiques mundo afora,
mas também, lá na Suíça, entre os indenes,
com aulas de ginástica e de tênis.

XXXV

“Panelaço contra Temer é registrado durante discurso de presidente interino”
(Notícia de *O Globo*)

Esse tal panelaço, enfebrecido,
acho-o, além de infantil, improdente.
Usar panela para fazer ruído,
em vez de cozer nela um caldo quente?

Cada jantar que dei, resplandecente,
no Alvorada foi lauto e bem servido,
e inclusive na imprensa enaltecido
(a despeito da esquerda maldizente).

E, embora a intenção fosse esvaziar
a panela do pobre, já vazia,
nenhum batuque retumbou no ar!

Por isso digo: em próxima rodada,
se as panelas não têm mais serventia,
doem-nas à cozinha do Alvorada!

XXXVI

“Sempre naquele estilo gorduroso, cheio de colesterol.”
(Paulo Henrique Amorim)

O Paulo Henrique diz que o estilo dele,
apesar das firulas de *imortal*,
é espesso, gorduroso e paroquial;
e que não é só uma questão de pele.

Propendo a concordar, e ainda acrescento
que, além da untuosidade (em que se expande),
lembra as entranhas de algum bicho grande
que alguém vai cozinhar em fogo lento.

Isso entanto parece habilitá-lo
a servir de alimento a muita gente
que o engoliria por qualquer pretexto —

e que, gostando de cantar de galo,
devoraria um boi, mesmo que doente,
só pela gana de não deixar resto.

XXXVII

“Artista holandês acusa FIESP de plagiar pato amarelo”
(Notícia da BBC)

O fino herói (não sei por que tão fino,
pois come como um padre e comeria
muito mais, se a antropeide anatomia
não limitasse o estômago e o intestino)

teve a ideia de inflar aquele pato
que simboliza belamente a causa:
comer constante, devorar sem pausa
e, claro, não querer pagar o prato,

coisa que — bom glutão — de fato fez,
roubando a ideia (o pato) do holandês,
que serviu aos incautos na Paulista.

Esta é a regra: que imposto a gente empurra
com a barriga, enquanto enche a própria burra,
cuidando apenas de não dar na vista.

XXXVIII

“Neurocirurgião preso por fraude no SUS era militante anticorrupção”
(Notícia do *Portal Fórum*)

Comilões que se apeiam da cantina
e vão esbravejar nas avenidas
suas iras profundas, incontidas,
contra essa repleção que os desatina!

Recomendo, por certo, tais medidas
como uma terapêutica leonina,
para quem sonha ter silhueta fina —
sem abrir mão das torrenciais comidas.

Porém, para uma real desobstrução,
só dura, rigorosa purgação
seria a alternativa mais correta.

(O que não vem ao caso, certamente,
nesta época de cunha e de muleta,
em que até o diabo é um santo penitente.)

XXXIX

“Moreira Franco e Odebrecht citados em mensagens de celular de Léo Pinheiro”

(Lauro Jardim)

E o grisalho? O grisalho é um Pantagruel
que o Brizola chamou “Gato Angorá”.

E eu me pergunto que semelhança há
entre o gigante e o gato do Leonel —

gato que certamente atingirá
a altura de um egípcio capitel,
maior, talvez, até que a Torre Eiffel;
e já não sei como isso acabará.

Esse, que mencionei naquela carta
endereçada à Dilma, eu não vomito,
porque afeição a gente não descarta.

Mas que ele me empanzina, ah, se empanzina!
Como um pastel que devorei, aflito,
à espera do busão, no bar da esquina!

XL

“Cresce reprovação a Temer, e 63% dos brasileiros querem renúncia, aponta Datafolha”

(Notícia do *Jornal do Comércio*)

Indigesto, apesar da propaganda,
das noblatianas, ternas olhadelas,
dos segredinhos (bons para as donzelas)
que a Eliane contou, sutil e branda;

qual gororoba que ninguém desfruta,
mas sai a devorar teimosamente,
já não caibo no estômago da gente
que anda agora a pedir um sal de fruta.

Vomitar-me-ão nas cloacas do futuro?
Jogar-me-ão como um resto ao pé de um muro,
para aliviar o esôfago irritado? —

Tais são, hoje, as perguntas que me faço,
frente ao fluxo — que observo, conformado —
desse farto e incessante *vomitaço*.

XLI

“CNJ aprova pagamento de auxílio-moradia de R\$ 4,3 mil para juízes”
(Notícia do G1)

Esse auxílio devia se chamar
“Me engorda deste lado” — uma obra-prima
da glotonice que nos trava e arrima,
que nos dá força para continuar.

Ou (se permitem que eu assim me exprima)
devia essa coisinha se chamar
“Falta-me um tico de matéria-prima!”,
ou talvez só “Mamãe, quero mamar”.

Ou, no meu (sempre humilde) entendimento,
devia se chamar — esse portento —
“Deixa-me introjetar mais um pouquinho”

(embora “introjetar” seja esquisito).
Ou somente “É o do pobre periquito?”
Ou quem sabe “Incrementa o meu cofrinho”?

XLII

“Autor do pedido de impeachment de Dilma se arrepende: volta, querida!”
(Esmael Morais)

Diria eu, bem do fundo da barriga,
que o velho anda perdendo um pouco o rumo
ou não consegue já manter o prumo,
nesta época de todos inimiga.

Já foi mais melodioso e mais agudo;
porém, depois que andou se misturando
às aves estridentes do outro bando,
não é mais tão saliente e tão bicudo.

Passa o tempo; e a penugem “enferruja”,
e a ave que foi outrora mais solar
vira noturna e insípida coruja.

E no entanto, por baixo do ar farrapo,
restam (parece) o bico regular,
a garra pronta e o insaturável papo!

XLIII

“Manifestantes ocupam triplex dos Marinho em Paraty”
(Notícia do *Pragmatismo Político*)

Os três leões-marinhos são uns santos,
que dão prêmios aos juízes, predispostos,
enquanto se exercitam pelos cantos
na arte sutil de sonegar impostos.

Só lá na *Caras* vemos os seus rostos,
mas nunca nos jornais, que eles têm tantos;
pois a riqueza os cobre de mil mantos
e estão os puxa-sacos sempre a postos.

Tendo comido o cérebro da gente
no Jornal Nacional, andam cercando
terra pública, ao povo pertencente.

(E a tal Paraty House bem que parece
uma bocarra imensa devorando
a paisagem que em volta reverdece.)

XLIV

*“Marido de deputada que votou pelo impeachment, prefeito é preso pela PF”
(Notícia de O Globo)*

A fadinha feliz do Sim-Sim-Sim!
esteve lá também, toda faceira,
patriótica, enrolada na bandeira,
parecendo até um tipo de quindim.

Com um jeito de alegre feiticeira,
brandia em volta o seu pirlimpimpim,
capaz de tirar ouro do capim
(conforme uma mandinga brasileira).

Glutonazinha e fofa! — Mas foi pena
que a vomitaram logo no outro dia,
já sem lembrança dessa tarde amena.

Voando, se espatifou contra a cornija —
por coisas do marido (se dizia),
apanhado com a boca na botija!

XLV

“Geddel pede demissão após crise gerada por denúncia de ex-ministro”
(Notícia do G1)

O afoito por si mesmo se expeliu,
como um fragmento grande num entulho
que cai sobre um andaime e faz barulho;
e foi bem grosso o ruído que se ouviu.

Mas enquanto lá estive me entupiu,
como se eu digerisse um pedregulho —
do que não me lamento nem me orgulho,
dado o respingo com que me espargiu.

São os ossos do ofício, como diz
o povinho experiente; e eu, neste andar,
já não sou mais novato ou aprendiz.

Na próxima, entretanto, com cuidado,
deixarei por mais tempo cozinhar
tal receita — indigesta — de guisado.

XLVI

“... consta a informação de que em maio de 2014 houve um jantar no Palácio do Jaburu, residência oficial do vice-presidente da República. Nele, estavam o próprio vice Michel Temer e o então deputado Eliseu Padilha [...]. Do lado da empreiteira, Marcelo Odebrecht. Segundo os termos do anexo, Temer pediu ‘apoio financeiro’ ao empresário.”

(Notícia de *Veja.com*)

Aquele Jaburu era um paraíso,
e eu moraria lá por toda a vida,
não fosse a circunstância agradecida
de ter de me mudar para outro piso.

E além disso era esplêndida a comida,
de fazer um glutão perder o juízo,
de mandar ao capeta um sério aviso
e um abraço à dietista mais renhida!

Mas, agora que estou literalmente
por cima da *carniça* (como quer
o povinho esfomeado e irreverente),

só me cabe dizer, com Baudelaire:
ali se abrindo, inchada e receptiva,
feminina talvez, e até festiva!

XLVII

canibalizando Gregório

A cada canto um grande cozinheiro,
que acha que economia é na porrinha:
não sabem preparar uma galinha,
e querem cozinhar um galinheiro.

Em cada porta um chulo palpiteiro,
que dia e noite os dados espezinha —
corta, salga, mistura, e com a varinha
mágica serve ao mundo o país inteiro.

Muitos, como uns zangões azucrinados,
com uma gula inaudita pelos cobres,
querem privatizar a mãe e a tia.

Vendem-se como putas aos mercados;
e, entupidos de grana e intenções nobres,
vão depois vomitar uma teoria.

XLVIII

“A Lava Jato não apenas destruiu o país, provocando 140 bilhões de reais de prejuízo e aprofundando os efeitos da política recessiva e da crise internacional...”

(Mauro Santayana)

Essa “Força Tarefa”, esse funil
parece ter barriga de elefante
que engoliria inteiras, num instante,
toda a paz e a riqueza do Brasil.

Para caçar bandidos, tonitruante,
ousaria pôr fogo num barril
de gasolina ou pólvora e, febril,
se sentaria em cima, delirante.

Haja apetência! E agora, descarada,
depois que a Petrobras foi destroçada,
vem devolver-lhe uns trocos, de gorjeta.

Isto, em Brasília, eu mesmo ajeitaria,
e por preço menor, conforme o dia,
e sem estardalhaço e sem trombeta!

XLIX

“O [...] senador Aécio Neves e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso criticaram nesta sexta-feira (25) o fato de o ex-ministro da Cultura Marcelo Calero ter gravado conversas com o presidente Michel Temer [...]. Ambos almoçaram com Temer e com ministros, parlamentares e prefeitos do PSDB.”
(Notícia do G1)

Com certeza. Almoçaram e, repletos,
foram dar o seu voto de confiança
ao caído, cuja fama se balança
sobre um montão de brasas e de espetos.

Foram, porque são lhanos e diletos,
e aprovam, além disso, a comilança,
diante da qual não pensam em poupança
e na magreza vã dos desafetos.

“Bola pra frente!” — é o lema, que mastigam
entre garfadas plenas e saudáveis,
regadas a um bom vinho, que “castigam”.

Se alguma flatulência os incomoda? —
Nem ligam, pois estão com a corda toda,
e os ventos, ademais, são favoráveis.

L

“Com medo de apanhar, Francischini foge de manifestantes no Paraná”
(Notícia do GGN)

Não é porque tem nome de biscoito
que ele há de merecer o nosso apupo.
Mas, se não o cuspo, é lógico: me entupo;
e hoje em dia não cabe ser afoito.

Há que excretá-lo, pois, há que expeli-lo
com um bom purgativo, capital,
que desobstrua o tubo intestinal,
deixando-o livre para um novo quilo.

Gorducho e boquirroto como só,
ao reger a sinfônica do Richa,
acrescentou um dado à própria ficha:

tendo espalhado a fúria e o caos em torno,
entrou no camburão, como num forno
o peru de Natal da minha avó.

LI

“Nós temos crises maiores e temos desafios maiores do que um episódio relativo a um flat longínquo numa praia aí da Bahia...”

(Gilmar Mendes)

O ministro, com o múnus, prontamente engoliu uma parte do edifício que o baiano — supus —, sábio no ofício, teria deglutido, inteiramente.

Gluttonaria assim, sem precedente, acabará por se tornar um vício, de modo que se explica o sacrifício em distribuir de graça o efervescente!

Porque, se não o faço (é de supor), explodirão os ventres com tal ruído que há de cruzar o mundo num instante.

E eu, que cuido com zelo desmedido da imagem do Brasil lá no exterior, não vejo nisto nada de elegante!

LII

“PF apreende 450 kg de cocaína em helicóptero da família de senador de MG”
(Notícia de *Uol Notícias*)

Este imbróglio, tão cedo deglutido
e excretado em profunda cavidade
pela imprensa, que sem curiosidade
como um osso o tratou, já meio roído,

é um clássico — sublime e colorido —
da nacional, atroz voracidade,
que avança às vezes com velocidade,
mas é bem lenta quando faz sentido.

Novamente citando o poeta agudo:
hipócrita leitor, descaradinho,
que vê na lei só a pedra no caminho,

de ir a passeio bem que gostarias
ou de fazer umas acrobacias
nesse brinquedo, com o seu conteúdo!

LIII

“Em transe, ‘jurista Tucana’ diz que não vai deixar a cobra dominar a mente dos nossos jovens”

(Notícia do 24/7)

Pensaram que esse gesto de girar
sobre a própria cabeça, como um pião,
o auriverde, brasílico pendão
(numa ânsia de fazê-lo decolar?) –

em que Bilac viu, todo emoção,
a grandeza da Pátria se espelhar,
e em que eu vejo um fartíssimo jantar,
capaz de amolecer uma legião –

fosse transe ou condão de feiticeiro,
como se houvesse na USP algum terreiro,
com o direito a servir de encruzilhada.

Já eu penso que meia colherada
de rícino Laxol talvez bastasse
a resolver tão esquisito impasse.

LIV

“Polícia usa spray de pimenta para conter protesto contra Temer no RS”
(Notícia do G1)

Para que eu desça deste pedestal
é preciso bem mais do que poesia,
bem mais do que resmungos, noite e dia,
e a multidão bradando em meu portal.

Como uma indigerível iguaria —
que era ou azeda ou mesmo artificial —,
quem me engoliu que aguente, ou corra à pia,
ou vá cuspir-se ao fundo do quintal.

Ou então que, a poder de vomitivo,
se purgue de tal fardo, por refresco —
que há tempos já não sou “decorativo”.

(Que, para temperar minha excelência,
não pouparei pimenta nem ardência,
nem, claro, o *granum salis* — latinesco!)

LV

“No episódio que agora se torna público, cumpri minha obrigação como cidadão brasileiro que não compactua com o ilícito e que age respeitando e valorizando as instituições.”

(Marcelo Calero)

O demitente, que perdeu a teta,
se sentiu ultrajado e, por desforra,
meteu na brincadeira uma patorra,
fazendo acelerar a carrapeta.

Também... dividir cocho com aquele!
Nem eu me atreveria, e bem o vistes
(na recente estação), como são tristes
essas questões de convivência imbele.

O FHC, que tem a boca enorme,
sugeriu degluti-lo com urgência,
antes que o arranjo todo se deforme.

Eu, que ando já com a pança mais que cheia,
não descarto — antropófago — essa ideia,
que hei de medir, no entanto, com prudência.

LVI

*“Com uma agenda de aparições nacionais, a jovem e bela primeira-dama vira a grande cartada do Palácio do Planalto para tirar a popularidade do atoleiro”
(Capa de *Veja*)*

Acho. Talvez. Suponho, mas descreio.
Pois é como, em lugar do pão de ló
e do mais rico e substancial recheio,
comer a cobertura branca, só,

feita de clara de ovo açucarada —
que, apesar de passável e atraente,
não empanturra, pois não pesa nada,
e apenas deixa insatisfeita a gente.

Um docinho. Porém aposto mais
é em coisas de substância (ou de catarse),
tais como a bala, o cassetete, o gás,

ou a ideia de ver o brasileiro —
desde os braços da mãe aos do cozeiro —
suar ao sol, sem direito a aposentar-se.

LVII

“Mas Temer foi exigente mesmo com os sorvetes. Da marca americana Häagen-Dazs, foram encomendados 500 potinhos (...) O maior gasto, no entanto, será com tortas de chocolate. Foi pedida uma tonelada e meia de torta, ao custo total de R\$ 96 mil. A propósito, Temer deve mesmo gostar de doce. O Planalto encomendou 120 potes de Nutella (...).”

(Lauro Jardim)

Dessa coisa comprei foi tonelada,
que era para engordar aquela gente,
que era para deixar bem estufada
a entranha insaciável, exigente.

Já na pasta se banharia um crente,
caso fosse em piscina derramada —
coisa que acho, entretanto, improdente,
mesmo para uma alminha empanzinada.

E há também o problema do sorvete,
que daria um bonito logotipo
para a “Ponte”, que aos poucos se derrete.

(Mas a verdade é que “Ordem e Progresso”,
apesar do patente retrocesso,
tem mais a ver comigo, com o meu tipo.)

LVIII

“Uma coisa que eu jamais observara: como Temer é um senhor elegante. Quase diria bonito. A senhora dele, também.”
(Ricardo Noblat)

Estão tentando, com valente empenho,
vender meu golpe ao parvo e ao ruim da vista,
que desdenha a estatística, empirista,
e não vê da verdade o vil desenho.

Bravo! Aplauso! E ovações! — Não me contenho
frente a esse esforço de halterofilista
que hei de recompensar com mão altruísta,
sem titubear e sem franzir o cenho.

E, para dar carvão à economia
(já que o petróleo se perdeu na gruta),
assinarei profícua portaria,

ordenando, com brevidade afásica,
que o Sonrisal integre a cesta básica
e seja subsidiado o sal de fruta.

LIX

“*Cunha é corrupto mas está do nosso lado*”
(Escrito num cartaz de protesto)

Vejo que o *vomitação*, assim congesto,
de quem vota em partido mutreteiro,
de quem troca o seu voto por dinheiro
e depois sai às ruas em protesto;

de quem vota em prefeito patranheiro
e se deixa ir às urnas no cabresto,
de quem não distingue Álvaro de Ernesto,
e é, frente à coisa pública, estrangeiro;

não me aborrece tanto e até me agrada,
pois em mim elogia uma figura
em que a sua se encontra retratada.

Esse, não dando a mínima, dá tudo,
deixa o barco alcançar a embocadura
onde o pirata aguarda — agro e sanhudo.

LX

“Não é só a boca. A língua dele também é grande.”
(Paulo Henrique Amorim)

Por ser assim tão grande aquela boca,
bem vos digo, madame: o que ela expila
pode a vida tornar bem intranquila,
quando não a converte em *“vida loca”*.

Assim, convém por ora esse expediente
de ir cozinhando o galo em fogo brando
e as aflições da náusea ir segurando,
enquanto haja energia e o corpo aguento.

Depois? Só Deus o sabe em Sua glória,
Ele que não se mete em nossa história,
mantendo-se a distância, precatado.

Porque, se a coisa vem e a náusea emplaca,
como disse o Jucá, ninguém escapa,
e não há quem não saia enxovalhado.

LXI

“Ministro da Justiça critica índios e diz que ‘terra não enche barriga’”
(Notícia da *Folha de S. Paulo*)

Este, escolhido a dedo, é porta-voz
dos meus mais insondáveis pensamentos,
que não confio à indiscrição dos ventos
e só revelo aqui comigo, a sós.

Comer terra é loucura que não faço
(embora encha a barriga a muita gente —
mas disso é que não trata o experiente,
que anda a jogar mais longe o seu barão).

Prefiro a boa mesa do Alvorada
e o bom vinho, aprazado no barril —
que lá me servem, sem me cobrar nada.

Que os índios comam terra não me importa,
pois nisto a economia não entorta;
e terra é o que há de sobra no Brasil!

LXII

“Lula denuncia bolina de Moro com Aécio”
(Paulo Henrique Amorim)

Sentado logo à frente, nesse dia,
e ocupado em compor a minha cara,
não presenciei a bolinagem rara,
diante da qual um santo coraria.

Faz parte da impagável fantasia
com que o cívico enfarte se mascara,
o qual, se em grandes risos se escancara,
por dentro se contorce, numa azia.

Trocariam receitas de croquetes
os dois edazes, na opereta bufa,
cuja avidez não coube nas manchetes?

Ou talvez barganhassem, amiguinhos,
conselhos e sabenças de chazinhos,
para aliviar o bolo que os estufa?

LXIII

*“José Serra pede demissão do Itamaraty por problemas de saúde”
(Notícia da Agência Brasil)*

O velho chanceler, cheio de vento,
de pretensão e ideias *démodés*,
acertou pelo menos desta vez,
tendo um — um só! — sensato pensamento.

Não lhe perguntarei se o seu tormento
vem mesmo da coluna ou se é, talvez,
de uma outra qualidade, outro *jaez*
(que não vou declinar neste momento).

Admira que, afinal, teve a atitude
de por si mesmo se expelir — virtude
que falta a muito prato nesta mesa!

(E aqui se entende por que um bom emético
faz tanta falta, às vezes, para um cético
em época de esbulho e de esperteza.)

LXIV

“Discurso de Temer sobre o Dia da Mulher gera revolta nas redes sociais”
(Notícia da *Revista Glamour*)

Que o lugar da mulher seja o mercado
eu disse nesse dia, e ainda sustento:
para medir o aperto do orçamento
ou só por hierarquia e por mandado.

Ao homem — defendi — mais ocupado,
cabe ir à rua, pelo provimento
(conforme um já caduco ordenamento
que em meu discurso eu quis ressuscitado).

Mas, no conceito novo, brevemente
hão de pendurar-se ambos num só prego
que a todos servirá muito igualmente:

isto é, serão cozidos — sem qualquer
privilégio — na sopa *desemprego*,
em que se afogam homem e mulher.

LXV

*“Romário perde 15 kg em menos de 30 dias usando um método polêmico; confira os detalhes do tratamento”
(Chamada do site *Super Ciência*)*

O truque do Baixinho eu não conheço,
mas acho interessante que só agora,
depois de compridíssima demora,
ele venha perdendo peso e preço.

Dietas não têm, por certo, o meu apreço
pois lhes falta o ingrediente, que as melhora,
da *abundância* sublime, engasgadora,
de que a avidez é o suave, almo começo!

Emagrecer além do aconselhável,
seja pela aflição da esbelta forma
ou por desprezo da natural norma,

é coisa que não faço. (E acho improvável
que isso atraia o interesse dos glutões —
curtidos nas polpudas repleções!)

LXVI

“Será que tem fantasma?”, diz Temer comentando saída do Palácio da Alvorada”

(Notícia do *Jornal do Brasil*)

Os fantasmas que assaltam o Alvorada
às vezes me dão medo. E eis a razão
pela qual peço arrego e dou a mão
à palmatória, nesta temporada.

Retorno ao Jaburu, que é meu reduto
e a ser de novo o “vice” (mas agora
de mim mesmo); e haja nisto uma melhora,
apesar de bem árido o produto.

Apenas me consola o pensamento
afável de que, embora menos gorda,
a comida ali chegue pontualmente.

É o que importa, no embrulho do momento:
que eu, esticando até o limite a corda,
não saia a ter visões, como um demente.

LXVII

*“Kim Kataquiri é dispensado pela Folha de S. Paulo”
(Notícia do Portal Comunique-se)*

Exatamente. Aquilo que empanzina,
aquilo que atrapalha a digestão,
tem de ser posto fora — decisão
que tomaremos na primeira esquina.

Não cabe fleuma nem prorrogação,
quando por dentro o embrulho desatina:
é dar-lhe o olvido pronto da latrina,
sem muito luxo e sem predileção!

E prossiga o cortejo, com a firmeza
e a persistência de uma correnteza
que não dorme e, portanto, não se frustra.

Aprendamos, amigos, pontualmente
a salgada lição deste incidente,
que tanto nos adverte e nos ilustra!

LXVIII

“Em 6 anos, Dilma não conseguiu entregar as obras de transposição do São Francisco. Nós entregamos em seis meses.”

(Wellington Moreira Franco)

Esse Gato Angorá — meu amigão —
parece que só cabe em fôrma larga:
quando menos se espera, dobra a carga,
não sei se por inépcia ou diversão.

Em seis meses por certo não faria
nem a rede de esgoto do Alvorada
(onde, vale lembrar, não caberia
metade de sua ânsia desbragada).

Embora exsude frases que são bolhas
e saiba abrir um cofre — que ele invade
com muita arte e sublime intimidade,

tem às vezes recaídas de *coitado*:
tenta abrir portas com um saca-rolhas
ou consertar relógios com um machado.

LXIX

“Funcionário preso na Operação Carne Fraca pediu rigor da Justiça na web”
(Notícia de *O Globo*)

É bom pedir rigor de vez em quando,
para que a coisa toda não desande,
ou mesmo pelo enfado, que se expande,
por dentro se encorpando e borbulhando.

Porém, se ultrapassamos o limite,
chega um momento em que desaba a casa
e por qualquer buraco o jorro vaza
(e, ainda mais, se a prudência se demite).

Convém, pois, não cuspir, com o conteúdo,
também o próprio estômago — observemos —,
se quisermos levar com graça o entrudo.

(Ou quem tiver lição mais ponderada
não se peje de pô-la onde a compremos —
que, de tão fraca, a carne vale nada!)

LXX

“... acusado de usar caixa 2 na campanha, Fernando Holiday se diz perseguido por ser negro e gay”

(Notícia do Diário do Centro do Mundo)

Mexironga, que eu não almoçaria
nem depois de um jejum de mês e tanto,
vem agora, por nosso enorme espanto,
dizer-se perseguido — e bem podia!

É comida estragada, eu vos garanto,
que não salvam tempero e especiaria,
por mais que borde em ouro a fantasia
e por mais que o disfarce um belo manto.

Ejetá-lo seria de preceito
num bueiro bem profundo e generoso,
sem tradicionalismo ou preconceito. —

É o que prescrevo, em caso tão premente,
em que a ejeção se impõe regularmente,
e qualquer outro alvitre é dispendioso.

LXXI

“*Bancada mineira fala em Ministério do Saneamento*”
(Notícia do *Estadão*)

Querem fazer da coisa um *ministério* –
com o que concordo em parte, pois sei bem
que o caso é grave e impositivo, e tem
na ponta uma pitada de mistério.

Mas convenhamos que esse refrigério
(que nos há de custar mais que um vintém),
pelo imprevisto emblema que contém,
pesa o seu tanto, no meu climatério!

Caberia sanear a metade alta
do corpo; mas se vê que a providência
visa bem mais à baixa, da ribalta.

Há que pensar no caso e projetar
essa rede de esgoto fabular
que Minas me propõe, com certa urgência.

LXXII

“Políticos aderem à moda sem gravata, para se aproximar do povo”
(Notícia da *Folha de S. Paulo*)

Sem gravata, ou sem terno, ou sem cabelos,
sem sapato ou camisa, ou sem peruca,
ou usando uma tanga mixuruca
ou o hábito de um monge, ou de chinelos,

sem calças, se preciso; mas jamais
(conforme a dura lei da natureza
que nos cobra expediente e ligeireza)
sem uma grande Boca a pedir mais —

Boca com B maiúsculo, onde cabe
um comboio, a montanha do Everest,
todo o hemisfério Sul, que o diabo enrabe!

Mas nunca sem tão nobre ferramenta
que torna a vida clara, se cinzenta,
e — se é feio capeta — de ouro o veste!

LXXIII

“Veja apelidos que políticos tinham dentro da Odebrecht, segundo delator”
(Notícia de *O Globo*)

Todo Feio, Angorá, Tuca, Campari,
Botafogo, Caju, Primo e Cerrado,
Caranguejo, Gremista, Índio, Gripado,
Mineirinho, Las Vegas e o Ferrari;

Careca, Santo, a Feia, e um tal de Missa,
Diplomata, Babel, Reitor, Bitelo —
tais são os apelidos que o Marcelo
desovou, como em transe, na justiça!

Não sei se rio ou choro, e até cogito
(sem intenção de produzir atrito)
que o irmão de Belzebu entrou nesse homem!

Mas suspeito que tal criatividade
vem bem menos da mente que do abdômen,
onde as coisas ferventam de verdade!

LXXIV

“*Temer leva embaixadores a churrascaria que serve carne importada*”
(Notícia do *Estadão*)

Já que a carne é tão fraca, decidi
oferecer jantar ao estrangeiro
numa churrascaria onde o dinheiro
compra coisa mais *chique* que as daqui.

E foi lá, nesse evento, que engoli
também carne de sapo (brasileiro),
que — embora nisto eu não seja pioneiro —
de um modo me entupiu que nunca vi!

Haja estômago, língua e gluttonia
para jantar, com o gringo, uma boiada
(bem cozida, no ponto ou mal passada)!

Mas a carne do sapo é que foi dura,
até porque me falta, nesta altura,
dente para tão bárbara iguaria!

LXXV

“O caldeirão dos institutos está cozinhando um succulento João Dória, feito de picadinho de Aécio e Alckmin.”

(Fernando Brito)

Não me deu apetite essa receita
em que o indigesto e o untuoso se misturam
em proporções incertas, que a suspeita
condena e os intestinos não seguram.

Só um rompante de avidez perfeita —
que os cataplasmas da razão não curam —
poderia arrostar tamanha empreita
(pruridos que hoje pouco me procuram).

Recomendo critério ao comer isso
para quem tem estômago cediço
ou um metabolismo duvidoso.

Ou então que se leve na carteira
um purgativo forte, rigoroso,
capaz de pôr abaixo uma pedreira!

LXXVI

“O presidente Michel Temer não deve ser penalizado por não ter realizado ‘qualquer prática ilícita’ mesmo integrando a chapa de Dilma. Ao cabo da instrução destes processos não se constatou em nenhum momento o envolvimento do segundo representado (Michel Temer) em qualquer prática ilícita.”

(Trecho de representação enviada pelo PSDB ao TSE)

Depois de tanto susto, tanto baque,
de tanto sobressalto e assombração,
tanta carne estragada e indigestão,
tais coisas me aliviam como um traque!

O que ia ser “comido” é um feiticeiro
que, enfiando os cinco dedos na cartola,
tira de lá, como uma suave esmola,
esse falso rubi de trapaceiro.

Passa! E seja engolido pelo povo,
que, faminto, não quer saber de luxo
e ingere sem tempero qualquer bucho.

– Colendo Tribunal da Acrobacia,
que vossa fome nunca sofra estorvo,
nem obstáculo a vossa glutonia!

LXXVII

“Delator Marcelo Odebrecht disse ao TSE que ‘Lava Jato foi muito positiva’”
(Notícia do *Estadão*)

Foi abrasiva, penso, pois lavou,
como uma inestancável correnteza,
sua honra, seu dinheiro, sua empresa
e o trapo de razão que lhe restou.

Água excessiva, enchente que rolou,
ávida pororoca de limpeza,
que enxaguou sua infirme fortaleza,
até o ponto do vômito, do enjoo.

Foi positiva — foi, pois contribuiu,
de um modo que só ao demo divertiu,
com o empanzimento nacional.

Fosse um laxante, e não daria sobra:
faltava esgoto para fluxo tal
ou empreiteira para tanta obra!

LXXVIII

*“Funcionária da Receita é condenada por sumiço de processo contra Globo”
(Notícia do Último Segundo)*

Repudiar, combater a corrupção! —
eis o pastel de vento com que a imprensa
engambela, sem dó, toda a nação,
pondo alma, corpo e cérebro na prensa!

Desse pastel — que pouco recompensa,
e um parvo matará de inanição —
quero distância, até porque o dispensa
minha ânsia de aventura e encantação.

Na sombra, entanto, farta-se a leitoa
com o recheio gordo, que sonega
à massa e em seus jornais não apregoa!

Bela jogada, digna de um farsante,
que, enquanto esconde a fome de elefante,
uma moral de hindus ao povo prega!

LXXIX

“PF admite que fez imagens de Lula em condução coercitiva”
(Notícia do *Valor Econômico*)

Darão crachás aos canastrões do escrete
para fazer um filme da “aventura”
que tem sido esse golpe: uma fritura
na qual o ovo Brasil vira omelete —

coisa de quem sabe pintar o sete
ou sabe dar à vida uma tintura,
tornando suave a sua catadura,
na comédia em que a história se repete.

Poderia ser filme de fantasma
ou talvez pastelão de enredo manco,
com que a terceira idade se entusiasma.

Mais importante: a coisa deveria
intitular-se “Vai pegar no tranco!”
(e ter uns toques de pornografia).

LXXX

“Ao contrário do Lula, ganhei dinheiro trabalhando.”
(João Doria Jr.)

Somente a gabolice do *playboy*
já encheria umas vinte caçarolas,
sobrando o jogo de trocar as bolas
e as tretas do “meu-pai-foi-rei-não-foi”.

Vestir-se de pedreiro, de gari,
de padre, de bufão, de escafandrista,
de gueixa (caso quadre a tal artista),
não há de melhorar seu *pedigree*.

Se, como disse o Lula, em vez do afã
de produzir espanto noite e dia,
pusesse mais os glúteos na cadeira

para a qual foi eleito (à brasileira),
valeria um arrote esse Tarzan,
e o contribuinte lhe agradeceria.

LXXXI

“Melhor teria sido lembrar que à esquerda só há um caminho possível: a mais austera virtude jacobina em relação ao bem comum e a recusa completa em operar no interior desta ‘governabilidade’.”

(Vladimir Safatle)

Coitado! Teve até que empregar aspas
para esconder do termo a parte calva
(bela peruca!); ou, como quem de caspas
se disfarça, envergando roupa alva,

trincar a tal “governabilidade”
(de pronuncia-la até se cansa a língua) –
doença que só se cura, de verdade
(diz o filósofo), vivendo à míngua!

Não creio! E acho improfícuo receitar
virtude jacobina a quem pretenda
tomar parte em tão ávido jantar!

Melhor seria receitar purgantes
ou laxativos fortes, impactantes,
para quem vai bater-se em tal contenda!

LXXXII

“Antes que Vossa Excelência encerre a gravação, estou vendo aqui, no site Antagonista, que o depoimento do senhor Marcelo está sendo transmitido, neste exato momento, em tempo real, de sorte a desrespeitar a determinação de Vossa Excelência do segredo de Justiça.”

(Defesa de Marcelo Odebrecht ao juiz Sérgio Moro)

Quase engasguei ao ler essa notícia,
que noutros tempos eu deglutiria
com certa comoção e até delícia;
mas hoje a cuspirei numa bacia.

Que o doido queira o golpe e nele empenhe
sua honra, seu pudor e sua espada,
é fava que reputo bem contada,
sendo pois impossível que a desdenhe.

Mas avançar assim, com tanta fúria,
sobre o fruto (sem distinguir caroço
e casca) já desborda pela incúria!

Com bons olhos não vejo esse descargo,
e me pergunto que inaudito almoço
há de encher um estômago tão largo!

LXXXIII

“O presidente certo na hora certa”
(Propaganda do PMDB)

Disseram. E não vou contradizê-los.
E penso até que têm certa razão,
dado o barulho enorme da estação,
de produzir desando e pesadelos.

Se fosse a hora da janta, eu não teria
nada que discordar; porém, agora
que o embrulho todo quer lançar-se fora,
não vejo em mim tamanha serventia.

Chamaram-me mordomo, em atrevida
e vã comparação, tão cheia de erro,
que só acerta na parte da comida.

Hoje (ao pensar no *slogan*) ponho o pingo:
que o homem mais importante de um enterro
é, por certo, o coveiro — assim distingo.

LXXXIV

“A frase de Marcelo Odebrecht soa como um alerta e uma reflexão: se todos se elegeram com caixa 2, como punir todos, indistintamente, sem explodir o sistema político, sem trucidar as saídas para a economia, sem criar uma terra arrasada?”

(Eliane Cantanhêde)

Justiça seletiva e cuidadosa,
que sabe escolher bem e com carinho
quem será conduzido ao pelourinho
e quem há de ter vida bonançosa —

é o que a reflexão pede, em tão brumosa
estação e em tão árido caminho,
em que mal se distingue um passarinho
de uma cobra faminta, venenosa.

Também eu, minha cara, também eu
abraçarei a causa urgentemente,
cuja divisa é o lema: “Quero o meu!”

Outro alvitre não vejo mais prudente,
para impedir que afunde o país inteiro
ou desça como um jorro pelo bueiro!

LXXXV

*“Ao menos 13 políticos da lista de Fachin foram às ruas ‘contra a corrupção’”
(Uol Notícias)*

Se fores à indigesta passeata,
toma conta do bolso e da carteira
e não exponhas de qualquer maneira
a tua joia, mesmo que de lata.

Se fores à amaríssima passeata
esconde a tua moeda na algibeira,
guarda o colar, os brincos e a pulseira
e o teu topázio — de nefelibata!

Protege bem a chave do teu carro
e o teu santinho (embora de pau oco),
e o outro, de ouro (que tem os pés de barro).

Guarda-os. E vai às ruas externar
essa ansiedade que te dá sufoco
e esse prurido que te faz coçar.

LXXXVI

“Gilmar proíbe PF de ‘surpreender’ Aécio”
(Notícia do *Estadão*)

Não sei se ele é cardíaco, mas penso
que o Gilmar tem razão nesse quesito.
E, afinal, nada vejo de esquisito
em cuidar de um compadre, se hipertenso.

Trata-se, pois, de resguardá-lo assim
e de impedir que a coisa degradingole
para acidente grave ou que se enrole
a meada, sem jamais chegar ao fim.

No mais, não faço ideia da matéria
que tal pança acumula — questão séria,
da qual pende o futuro da República.

Digo que não dar sustos ao paciente
não é exercício, só, benevolente,
mas medida — crucial — de saúde pública.

LXXXVII

“... atingido na cabeça por um golpe de cassetete desferido por um homem trajado como policial militar”.

(Trecho de notícia da *Folha de S. Paulo*)

Trajado de polícia ou só de humano —
eu diria; porém me dá na vista
que quem se arvora ali de jornalista
também anda a fingir por sob o pano.

Claro exemplo, acabado e soberano,
de glotonice afoita, atacadista,
que se descure em disfarçar a pista
e entrega o ouro ao pirata, sem um plano.

Nem o Angorá, nem mesmo o Botafogo
nem o Primo, o Caju, nem o Bitelo
teriam tal desaire e tal afogo.

Eis a matéria de que é feito, agora,
o golpe dos glutões — que, no atropelo,
perde o norte e em ridículos se escora.

LXXXVIII

“... é um homem, coitado, de boa índole, de muito boa índole.”
(Michel Temer)

Um bom garfo, afinal, acostumado
e um muito fiel amigo da cozinha,
que foi buscar seu fardo de farinha
e saiu do armazém *esfarinhado*.

De índole chã e espírito atilado,
hoje a má sorte, inóspita, o espezinha
com pés de brutamontes e, escarninha,
lhe nega o seu favor, pobre *coitado*!

Já não há, neste mundo sem fronteiras,
alma que não trepide ou se balance
na borda de um abismo, entre canseiras.

Coma, entanto, o valente mais um pouco
e engorde, antes que a boca nada alcance
e da carcaça reste apenas o oco.

LXXXIX

“Apontado como indicado por Temer para receber propina, Rocha Loures entrega mala com R\$ 500 mil”

(Notícia de *O Globo*)

Devolver uma janta assim vistosa,
de modo tão civil e tão ordeiro,
tem sentido no atual, árduo vespeiro
que se tornou o mundo, em polvorosa.

No entanto fica em nós uma amargosa
sensação de fadiga ou de atoleiro,
como a de quem vomita o almoço inteiro
depois de comilança vigorosa.

Sirva pois de lição aos mais ardentes,
que já se atiram sobre toda a mesa,
metendo em cada coisa língua e dentes.

De minha parte, conto resistir
e chegar, com paciência de faquir —
depois de provar tudo —, à sobremesa!

XC

“Com baixa adesão, Temer cancela jantar de demonstração de apoio.”
(Notícia da *Folha de S. Paulo*)

Mesmo quando recusam um jantar,
já o comem de algum modo — esses glutões,
que não mandam presentes nem cartões
e vão singrando sobre obscuro mar.

Como insaciáveis, ávidos ratões
(que foram os primeiros a embarcar),
vendo agora a galera naufragar,
renegam as pregressas afeições.

Bonito gênero de glutonia,
que poupa a própria fome à luz do dia,
e a guarda para a noite, acrescentada.

Façam pois bom proveito dessa massa,
que a vida é fantasia, e tudo passa
(inclusive uva e ameixa); e o resto é nada.

SOBREMESA

“§ 2º Exclui-se a ilicitude da prova quando: [...]

III – o agente público houver obtido a prova de boa-fé ou por erro escusável, assim entendida a existência ou inexistência de circunstância ou fato que o levou a crer que a diligência estava legalmente amparada...”

(Trecho da proposta de alteração do Código de Processo Penal apresentada pelo Ministério Público Federal ao Congresso brasileiro)





ARS

Copyright © Renato Suttana, 2016

www.arquivors.com

endereço eletrônico da presente publicação:

http://www.arquivors.com/renato_indigestos.pdf



RENATO SUTTANA nasceu em 1966
na cidade de Barbacena (Brasil).
Professor universitário, escritor e
tradutor, publicou livros de poesia
e ensaios, entre os quais *Bichos* (2005),
Bichos imaginários (2013) e *Rapinário* (2015).
Tem poemas incluídos em coletâneas
e revistas literárias do Brasil e de Portugal.
Mantém na internet o site
“O Arquivo de Renato Suttana”.

